



HUSSERL E A FILOSOFIA QUE QUEREMOS ENSINAR

Jean Pierre Gomes Ferreira¹

Husserl and the philosophy we want to teach

Resumo:

Este trabalho tem o objetivo de analisar, a partir de Husserl, algumas matrizes curriculares e referenciais teóricos que orientam o ensino de filosofia no Ensino Médio. Em suas *Meditações Cartesianas*, Husserl diz que os filósofos geralmente se encontram, mas não suas filosofias evidenciando, para ele, uma *crise* no pensamento filosófico por não ter uma *unidade*, o que o faz retomar as *Meditações* de Descartes sobre uma *filosofia universal* e propor, a partir dela, uma *fenomenologia transcendental* como a filosofia, resolvendo, assim, a falta de unidade no pensamento filosófico. Apesar de sua *intencionalidade*, podemos dizer que não apenas esta unidade não foi conseguida como há muito mais filosofias hoje do que em sua época, o que torna problemática a filosofia pensada por ele e a *filosofia que queremos ensinar*. Isto pode ser evidenciado nas diferentes matrizes curriculares de filosofia pensadas em alguns documentos institucionais do Brasil e do Ceará, além das questões do Enem e do vestibular da UECE, e nos referenciais teóricos de cada filósofo-professor em particular. A questão deste trabalho é, portanto: qual a filosofia que queremos ensinar tendo em vista as diferentes matrizes e referenciais teóricos? Em vez de retomar a ideia de uma identidade filosófica como pretende Husserl, nosso objetivo é afirmar que o ensino das diferentes filosofias demonstra que a filosofia não é *grega ou europeia*, e não pode ser reduzida a uma única filosofia, mas que, apesar das diferentes matrizes e referenciais teóricos, podemos dizer que é a *mesma* filosofia em alguns aspectos.

Palavras-chaves: Filosofia. Ensino de filosofia. Currículo.

Abstract:

This paper aims to analyze, based on Husserl, some curricular matrices and theoretical references that guide the teaching of philosophy in high school. In his Cartesian Meditations, Husserl says that philosophers generally meet, but not their philosophies, evidencing, for him, a crisis in philosophical thought due to its lack of unity, which makes him return to Descartes' Meditations on a universal philosophy and propose, based on it, a transcendental phenomenology as philosophy, thus resolving the lack of unity in philosophical thought. Despite his intentionality, we can say that not only was this unity not achieved, but there are many more philosophies today than in his time, which makes the philosophy he thought of and the philosophy we want to teach problematic. This can be evidenced in the different curricular matrices of philosophy thought of in some institutional documents in Brazil and Ceará, in addition to the questions of Enem and the UECE entrance exam, and in the theoretical references of each philosopher-teacher in particular. The question of this work is, therefore: what philosophy do we want to teach, taking into account the different theoretical frameworks and references? Instead of returning to the idea of a philosophical identity as Husserl intends, our objective is to affirm that the teaching of different philosophies demonstrates that philosophy is not Greek or European, and cannot be reduced to a single philosophy, but that, despite the different theoretical frameworks and references, we can say that it is the same philosophy in some aspects.

Keywords: Philosophy. Teaching of philosophy. Curriculum

1. Doutorando em Filosofia na Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre e graduado pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor da rede pública do Estado do Ceará na EEMTI Integrada 2 de Maio e escritor do blog Arkhephilosophia. E-mail: jepiego@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

Em vez de uma filosofia unitária e viva, temos uma literatura filosófica crescente sem limites e quase sem coerência (...) Como seria, porém, possível um estudo e um trabalho conjunto efetivos, quando há tantos filósofos e quase tantas filosofias? Certamente que ainda temos congressos filosóficos – os filósofos encontram-se, mas não, infelizmente, as filosofias. A estas falta a unidade de um espaço espiritual, em que pudessem ser umas para as outras, atuar umas sobre as outras. Pode ser que as coisas estejam melhores no interior de 'escolas' ou de 'tendências' singulares, contudo, pelo fato de existirem sob a forma de singularidade e tendo em vista a situação filosófica do presente no seu conjunto, as coisas permanecem, no essencial, tais como a caracterizamos. (HUSSERL, 2013, p. 43)

Se começamos este texto a partir de Husserl é porque podemos dizer o *mesmo* que ele. Sem apor uma vírgula a mais no que disse, repetir palavra por palavra suas *motivações, intenções e preocupações* até o fim, repetir que *as coisas permanecem, no essencial* tais como ele a caracteriza.

Husserl, como tantos outros filósofos antes e depois dele, e nós, sem dúvida, pensamos em algum tempo reduzir a filosofia a um *conhecimento*, a uma *ideia*, *substância*, *conceito*, pensada, repensada e repassada a outros para que a pensem, repensem e a repassem novamente e assim por diante num *ensino* de filosofia *através* do tempo. A preocupação com o que é a *filosofia* ou com a *origem da filosofia* diante de tantas e crescentes filosofias *sem limites* e quase *sem coerência*, muito mais hoje do que imaginava Husserl em sua *epoché*, é também uma preocupação com o *ensino de filosofia*. Como indica Husserl, se os filósofos se encontram em encontros filosóficos, mas não suas filosofias, tão pouco a filosofia ensinada por eles podem se encontrar. Que filosofia ensinar? De quem? O abismo entre as filosofias e o ensino da filosofia é absurdamente imenso e qualquer um que o olhe, como diria Nietzsche, corre o risco de ser tragado por ele, *afundando-se, em afundamento*.

Não obstante, é preciso encontrarmos um meio de saltar o abismo, isto é, *precisamos ensinar* filosofia. Mas a questão que nos colocamos é outra: *qual a filosofia que, nós, professores de filosofia, queremos ensinar tendo em vista os diferentes referenciais teóricos e matrizes filosóficas diante dos quais nos deparamos hoje em dia?* A esta questão se juntam outras colocadas por Cristiane

Marinho e Alex Sousa (2024, p. 18): "o que me constitui como professor de Filosofia na atualidade? Minha forma de ensinar é diversa da de outros professores dos demais Estados do país em decorrência das diferenças culturais e estruturais do Ceará?" Todas estas questões, porém, em essência, podem ser reduzidas a apenas uma: *que filosofia ensinar?*

Diante destas perguntas, o objetivo deste trabalho é *reafirmar* atualmente a descrição feita por Husserl em sua época tendo em vista não os encontros de filósofos e um *espaço espiritual* onde possam se encontrar, mas as diferentes matrizes filosóficas e os referenciais teóricos filosóficos presentes nelas em *escolas, tendências e singularidades* como têm sido a filosofia desde sua *arché*. Em outras palavras, não se trata de *negar* as diferentes matrizes filosóficas em proveito de uma filosofia verdadeira em si mesma como *ciência universal* em relação às demais ciências, mas de *afirmar* as diferentes matrizes filosóficas a despeito de qualquer *redução fenomenológica* pretendida e intencionada pelo Cogito de um ou vários *sujeitos* filosóficos e suas *epoché* filosóficas, isto é, de suas *visadas* do que é a filosofia e o *mundo* ou a *realidade* a partir delas. O *crescimento sem limites e quase sem coerência* da "literatura filosófica" é um problema ao buscarmos limitar a filosofia à unidade de uma "disciplina", de uma só maneira de filosofar e de ensinar filosofia, mas não é um problema à *vivência* da filosofia em suas diferenças, da filosofia como um "modo de vida" como pressupunha Sócrates.

Ao expormos a problemática da filosofia que queremos ensinar a partir das diferentes matrizes filosóficas, pretendemos demonstrar que a filosofia não é *o que eu penso, logo, do que existe a partir do meu pensamento, o mundo*, mas o que *nós, filósofos, pensamos, logo, dos diferentes pensamentos filosóficos que temos para além do nosso pensamento subjetivo e objetivo em particular que nunca chegam a uma totalidade do pensamento*. São os *diferentes pensamentos filosóficos* o que ensinamos de *fato* e que queremos ensinar *por direito* sob o risco constante de que estes pensamentos se percam em nós e, com sua perda, se perca nossa *humanidade* constituída não simplesmente porque *temos razão* ou *pensamos*, mas *pelas diferenças de nossos pensamentos e dos outros*, diferença que, de modo algum, quer dizer, uma oposição e exclusão do pensamento dos outros, ainda que o pensamento de um e outro seja questionado, e tão pouco quer dizer tolerância ao pensamento dos que querem, por meio da oposição e exclusão, violentar, oprimir e silenciar a diferença de pensamento filosófico e do pensamento com uma falsa

defesa de liberdade de expressão num viés político.

2. AS MATRIZES FILOSÓFICAS

Ao nos perguntarmos qual a filosofia que queremos ensinar, diferentes matrizes filosóficas podem ser pensadas no ensino de filosofia. É a partir delas que se problematiza a pretensão de Husserl de uma filosofia unitária ou única seja em seu método, seja em seu conceito.

2.1 A matriz histórica da filosofia

A *História da filosofia* é a principal matriz filosófica no ensino de filosofia com alguns filósofos como referenciais teóricos. É a partir da divisão da filosofia nas épocas Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea que principalmente filosofamos e ensinamos filosofia. Pensamos de modo histórico um *início* e um *fim* da filosofia, uma *origem* e uma *finalidade* para ela. Limitamos a filosofia ao *tempo* como se a contivesse de modo único, idêntica, ontem, hoje e sempre pensada em sua identidade a partir de *condições históricas*. A filosofia que ensinamos pensada a partir da *história* é a de uma ciência, disciplina, limitada às condições que conhecemos historicamente.

A partir das condições históricas da filosofia em cada uma destas épocas, de modo *objetivo*, são pensados filósofos representativos que produzem, de modo *subjetivo*, o surgimento da filosofia e sua história, bem como as diferenças históricas entre suas filosofias. Neste sentido, na antiguidade filosófica, Sócrates origina a filosofia do *conhecimento* e divide a filosofia entre "pré-socráticos" e "pós-socráticos", os filósofos que buscam conhecer a *physis* ou *natureza* e os que buscam *conhecer o ser humano*, a *si mesmos* como Sócrates; Platão origina a filosofia das *Ideias* e divide a filosofia do *corpo* (natural) e da alma (humana), bem como o conhecimento em *sensível e inteligível*, dando prioridade a este último; por seguinte, Aristóteles "Cuja a cabeça sustenta ainda hoje o Ocidente", como diz Caetano Veloso, origina a filosofia *metafísica* para além da filosofia das Ideias de Platão e do conhecimento do ser humano de Sócrates ao dividir a

filosofia entre *físicos* e *metafísicos*, os que pensam os *acidentes* do ser, ou ente, e os que pensam a *substância* do ser, ou ente.

Na modernidade, porém, além de originarem a filosofia e suas diferenças numa *época* histórica, os filósofos passam a produzir uma época histórica como Descartes que, a partir do seu Cogito (*penso, logo, existo*), origina não apenas a filosofia moderna, mas a própria modernidade histórica ao ser chamado de "pai da modernidade". Iluministas como Kant fundamentam ainda mais a modernidade filosófica e histórica pensada por Descartes a partir da *luz natural* do sujeito, sua *razão* ou *faculdade* natural de raciocinar, de um *ter razão* e ter um *entendimento* de seu próprio conhecimento e do conhecimento do mundo natural e histórico. É a partir de Hegel, porém, que a filosofia se torna uma *consciência histórica*, e não apenas de um *sujeito* da história como em Descartes e Kant, com uma *visão lógica* e *fenomenológica* da filosofia e história como *única* através das épocas a partir de um *espírito* que adquire *consciência* de sua história². Contudo, se sua lógica dialética da história ainda permanece presente de modo ideal, sua consciência histórica e exposição da história da filosofia é problemática para historiadores da filosofia como Burnet, Cornford e Vernant e principalmente para uma filosofia não europeia e grega³.

2.2 A matriz geográfica da filosofia

O problema da matriz histórica da filosofia pensada principalmente a partir de Hegel não é *histórico*, é *geográfico*. Não se trata de saber *quando* a filosofia surge, mas *onde*. Vernant coloca este problema diretamente ao se perguntar:

Onde começa a filosofia? Há duas maneiras de entender esta questão. De início, pode-se perguntar *onde situar as fronteiras da filosofia*, as margens que a separam do que ainda não é ou não o é por inteiro. Em seguida, pode-se perguntar *onde apareceu pela primeira vez, em que lugar surgiu — e por que aí em vez de noutra parte*. Questão sobre a *identidade*, questão sobre a *origem*, ligadas uma à outra, inseparáveis... (VERNANT, 1990, p. 475, grifos nossos).

2. Sua obra *Lições de história da filosofia*, segundo Danilo Marcondes (2006, p. 13), foi "uma das obras que mais influenciaram o modo como fazemos história da filosofia pela forma como reconstrói a tradição." Além disso, Hegel é o primeiro filósofo a lecionar propriamente uma disciplina de História da Filosofia.

3. Em minha dissertação de mestrado *Máquina de guerra e aparelho de Estado: a geo-filosofia de Deleuze e Guattari em Mil Platôs* (2009), abordo mais detalhadamente a origem histórica da filosofia a partir de Burnet, Cornford e Vernant, bem como o problema dela a partir de Deleuze e Guattari exposto brevemente a seguir.

Já em Hegel este problema pode ser percebido quando pensa o *Fundamento geográfico da história universal* e, a partir dele, diz que devido a *religiosidade* e *despotismo político* do Oriente se "Deve, pois, excluir o oriental da história da filosofia" (HEGEL, 2012, p. 225). Mais ainda, quando diz que se deve deixar de abordar a África na história da filosofia, "pois ela não faz parte da história mundial" (HEGEL, 1998, p. 88) devido a "natureza indomável que distingue o caráter dos negros" porque "O negro representa, como já foi dito, o homem natural, selvagem e indomável." (HEGEL, 1998, p. 84) que em "nada evoca a ideia de caráter humano." (HEGEL, 1998, p. 84). E, por fim, quando diz que devem ser excluídos da filosofia e de sua história os que vivem na América *desde sempre*, pois "A América sempre se mostrou, e ainda se mostra, física e espiritualmente impotente." (HEGEL, 1998, p. 74) já que "A inferioridade desses indivíduos [mesmo quando são europeus nascidos na América], sob todos os aspectos, até mesmo o da estatura, é fácil de se reconhecer." (HEGEL, 1998, p. 75, destaque nosso).

O problema da filosofia pensada a partir da história é que ela não se limita à história dos gregos ou à *consciência filosófica da história* de alemães como Hegel, ou Heidegger. Não se pode dizer que a *filosofia é grega* ou que só se pode filosofar *em grego*, ou ainda, *em alemão*, que tenha apenas uma *identidade* grega ou alemã. Há um *devir geográfico* da filosofia além de um *devir histórico*, há uma *geografia da filosofia* ou *geofilosofia* como observam Deleuze e Guattari em ***O que é a filosofia?*** (1992). Se não há uma "Filosofia unitária e viva" historicamente a abranger todos os povos de modo universal por um sujeito ou espírito absoluto, é porque, segundo Deleuze e Guattari (1992, p. 113): "Pensar não é nem um fio estendido entre um sujeito e objeto, nem uma revolução de um em torno do outro. Pensar se faz antes na relação entre o território e a terra." Segundo eles, há uma *variação filosófica* do pensamento tanto *relativa* que é tanto uma *desterritorialização relativa* de um *território* em direção a uma *terra* quanto uma *reterritorialização relativa* dela num território. Neste sentido, segundo eles, o pensamento filosófico devém relativamente na Grécia antiga da *ilha ao continente* e à *cidade-Estado (pólis)*, bem como *devém* da Grécia antiga ao Império Romano medieval com sua *cidade terrestre* e *celestial*, depois *devém* aos Estados-nações europeus e, a partir destes, por meio da *colonização*, *devém* às nações nômades sem Estado e/ou com Estado sedentário na Ásia, África e América. Por outro lado, há uma *variação absoluta* da filosofia por meio de uma *territorialização absoluta* quando cria um *conceito* (território) num *plano de imanência* (a terra) a partir de determinados

personagens conceituais (tipos psicossociais e históricos) e quando há uma *desterritorialização absoluta* em relação ao conceito traçando um plano de imanência em relação a ele.

Em cada territorialização e desterritorialização relativa e absoluta da filosofia a partir dos personagens filosóficos, os próprios filósofos numa determinada terra ou território, são criadas diferentes filosofias a despeito de uma identidade histórica da filosofia num "espaço espiritual" de modo universal. Há, portanto, uma *matriz geográfica da filosofia* além de uma matriz histórica que é também importante no ensino de filosofia.

2.3 As matrizes históricas e geográficas da filosofia brasileira e cearense

Considerando a matriz histórica dos gregos a Hegel e depois deste e, principalmente, geográfica da filosofia a partir de Deleuze e Guattari, podemos nos perguntar *como devém a filosofia* da Europa e, de Portugal particularmente, para as terras ameríndias e pensar uma *matriz filosófica brasileira e cearense*, por exemplo, a partir dos livros ***Filosofia e educação no Brasil***: da identidade à diferença (2014), de Cristiane Marinho, e ***História do ensino de filosofia no Ceará*** (2024), de Cristiane Marinho e Alex Sousa.

Numa breve exposição da matriz filosófica brasileira a partir da história da educação traçada por Cristiane Marinho temos, no período colonial, um predomínio da *metafísica* de Aristóteles e Tomás de Aquino ensinada pelos jesuítas e sua *Ratio Studiorum* no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia e o *iluminismo* e *empirismo* de Locke a partir do Marquês de Pombal, Luís António Verney, Antônio Genovesi representados por Azeredo Coutinho no *Seminário de Olinda*. No período do Império, há o *ecletismo espiritualista* de Victor Cousin influenciado por Hegel cujos representantes são, no **"período de formação"**, Salustiano Pedrosa na Bahia e Gonçalves Magalhães na Bahia que se torna oficial no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro e Liceus provinciais. No período da República, em seu início, o *positivismo* da Escola de Recife e, por seguinte, o *pragmatismo*, *liberalismo*, *socialismo cristão*, *metodologismo*, *tecnicismo*, *reprodutivismo-crítico* e *anarquismo* até a época da Ditadura Militar. Por fim, o *marxismo*, *a teoria crítica*, *o neopragmatismo* e *a filosofia da diferença* na época da redemocratização de 1980 até 2010.

No que diz respeito à matriz filosófica cearense, segundo

Cristiane Marinho e Alex Sousa, no período colonial, "a matriz de ensino de Filosofia no Ceará toma por referência a Filosofia Escolástica, ministrada conforme a *Ratio Studiorum*, método pedagógico dos Jesuítas". (MARINHO; SOUSA, 2024, p. 23). No Império, a matriz se modifica com o ensino de filosofia no Liceu do Ceará como "o primeiro centro cearense de expansão do ensino de filosofia" (RODRIGUES apud MARINHO; SOUSA, 2024, p. 33) no qual, em nível secundário, são ministradas as "cadeiras" de Filosofia Racional e Moral, além da Retórica, mas com "uma 'Filosofia 'pro forma' dos cursos jurídicos, [que] embora sustentasse o ensino de Filosofia, não cultivou a Filosofia pura" (WALS apud MARINHO; SOUSA, 2024, p. 33). Num "nível superior" ao secundário, a matriz filosófica cearense era a "Filosofia pura" do Seminário Diocesano da Prainha cujo "currículo era composto pelas seguintes disciplinas filosóficas e afins: Introdução à Filosofia, Ontologia, Teodiceia, Cosmologia, Axiologia, Psicologia, Filosofia, Ética, História da Filosofia, Sociologia, Psicologia Geral, Psicologia Social, Estética" (MARINHO; SOUSA, 2024, p. 35). Na República Velha, se destaca a matriz filosófica do Colégio Militar do Ceará cujo "conteúdo do programa era: Introdução à Filosofia; Psicologia; Lógica; Filosofia da Arte; Moral." (MARINHO; SOUSA, 2024, p. 44) e a matriz filosófica da disciplina *Filosofia do Direito* na Faculdade de Direito cujo programa incluía, além de conteúdos sobre a filosofia do direito a partir de alguns filósofos na história da filosofia, um conteúdo inicial sobre "*1) Filosofia e Ciência. Da natureza dos problemas filosóficos. Conceito e clarificação das ciências*" (KELLY apud MARINHO; SOUSA, 2024, p. 48).

Com Getúlio Vargas, no início do período ditatorial republicano, destaca-se novamente a presença católica no ensino de filosofia com os *Capuchinhos* nos seminários capuchinhos do Ceará cuja matriz incluía as já mencionadas disciplinas do Seminário Diocesano da Prainha. Além desses seminários, destacam-se a matriz filosófica do *Centro de Ciências e Filosofia do Ceará* (CCFC) criado em 1945 que deu origem à *Faculdade Católica de Filosofia* em 1947. O CCFC era composto principalmente por professores egressos do Colégio Militar do Ceará que buscavam reparar "o baixo nível de cultura científica nas terras alencarinhas que chegava mesmo a ser um 'menosprezo pela Ciência'" (MARINHO; SOUSA, 2024, p. 57) defendendo um ensino voltado para os "valores científico-filosóficos", porém, sem esquecer a literatura como parte integrante dele. Isto fica claro na criação da Faculdade Católica de Filosofia à qual deu origem que abrangia além da Filosofia e das Ciências, os cursos de Letras (Clássicas, Neolatinas e Anglo-

germânica) e na qual a matriz filosófica era composta pelas "matérias" de Introdução à Filosofia, Lógica, História da Filosofia, Filosofia Geral, Estética e Ética.

A Faculdade Católica de Filosofia, juntamente com a *Faculdade Católica de Fortaleza*, fundada pelos Maristas, deram origem à *Faculdade de Filosofia do Ceará* (FAFICE) em 1966 a partir de decreto do Governo Estadual dando origem ao curso de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará cuja matriz curricular incluía as áreas de *Metafísica, Ontologia, Gnosologia, Cosmologia, Teodiceia, Antropologia Filosófica, Ética e Axiologia*. É a partir da FAFICE, em 1970, que é elaborada uma proposta curricular para as escolas de Ensino Médio do Ceará tanto para o curso Colegial do Grupo A com "cursos Científicos" como para o Grupo B com "cursos Clássicos". Contudo, o currículo aprovado, segundo Adísia Sá (apud MARINHO; SOUSA, 2024, p. 77), "não levou em consideração conveniências de grupos ou pessoas; foi um currículo elaborado para a nossa realidade". A realidade era que diante da Ditadura Militar instaurada no país com o Golpe Militar de 1964, "a Filosofia, por não poder atender às solicitações técnico-burocráticas e político-ideológicas, foi posta de lado e substituída pela Educação Moral e Cívica" (SÁ apud MARINHO; SOUSA, 2024, p. 78), e que, no caso de ser ensinada, deveria se voltar apenas para o "Preparatório para o Vestibular" de modo que "o ensino de Filosofia estava mais presente nos cursos de preparação para os cursos da área de Humanidades (Grupo B)." (MARINHO; SOUSA, 2024, p. 78). Porém, diante de uma procura maior pelos cursos científicos (Grupo A),

foram eliminadas as turmas B (ou clássico), fato pelo qual, em 1971, apenas dois estabelecimentos de ensino secundário oficial do Estado (Justiniano de Serpa e Liceu) ministravam filosofia, e somente nas duas últimas séries (SÁ, 1972B, p. 55), realidade também presente nos colégios particulares. (MARINHO; SOUSA, 2024, p. 78).

No período da redemocratização, as matrizes filosóficas se diferenciam com a consolidação da filosofia em diversas universidades do país. No Ceará, além matriz do curso de Filosofia da UECE, há a do curso de filosofia da Universidade Vale do Acaraú (UVA) em 1998, da Universidade Federal do Ceará (UFC) em seu campus de Fortaleza em 2000 e do Cariri em 2006, e da fundação da graduação em Filosofia da Universidade Federal do Cariri, antigo Campus Cariri da UFC em 2013. Além disso, com o estabelecimento da obrigatoriedade do ensino de Filosofia no Ensino Médio em 2006 e, pela lei 11.648/2008, da obrigatoriedade do ensino de Filosofia

como disciplina em todos os anos do ensino médio, surgiram vários documentos como propostas de matrizes curriculares de Filosofia no Brasil e no Ceará⁴.

2.4 As matrizes curriculares de Filosofia para o Ensino Médio no Brasil e Ceará

As matrizes curriculares de Filosofia são pensadas a partir das instituições de ensino no Brasil e no Ceará desde que a Filosofia passou a ser ensinada no nível superior e médio, mas é a partir da redemocratização no país e da obrigatoriedade do ensino de Filosofia no Ensino Médio que elas são pensadas e problematizadas tanto no Brasil como no Ceará quando a filosofia se torna disciplina e parte do "exercício da cidadania" na democracia e, sobretudo, quando deixa de ser disciplina e se torna um dos "estudos e práticas" no Novo Ensino Médio.

É com os **Parâmetros Nacionais Curriculares: Ensino Médio** (PCNEM) que a matriz curricular de Filosofia como disciplina começa a ser pensada e problematizada segundo a LDB a partir de três questões: "(a) que conhecimentos são necessários? (b) que Filosofia? e (c) de que aspectos deve-se recobrir a concepção de cidadania assumida como norte educativo?" (BRASIL, 2000, p. 46, grifos do autor). Questões que diferenciam a filosofia da ciência e se relacionam à questão fundamental da filosofia colocada por Husserl no início e que encontram nos BRASIL a seguinte formulação: "dada a grande variedade e diversidade dos modos e das correntes de pensamento filosófico, devemos dizer que existe Filosofia ou tudo o que existe são apenas filosofias?" (BRASIL, 2000, p. 46). Em resposta a esta questão, o que se coloca nos PCNEM (2000, p. 48) é que: "Em suma, a resposta que cada professor de Filosofia do Ensino Médio dá à pergunta (b) 'que Filosofia?' decorre, naturalmente, da opção por um modo determinado de filosofar que ele considera justificado." e com "um rigor que, certamente, varia de acordo com o grau de formação cultural de cada um". (BRASIL, 2000, p. 48).

Esta questão retorna com as **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+)** (2002) na discussão sobre "Os conceitos estruturadores da Filosofia" destacando-se nele a diferença como as competências devem ser desenvolvidas na Filosofia conforme as "características que são próprias ao filosofar." (BRASIL, 2002, p. 41). Neste

sentido, adverte-se que não se pode ter uma "falsa percepção" de que se deve abarcar "toda a filosofia", pois "não existe uma Filosofia – como há uma Física ou uma Química –, o que existem são filosofias, podendo o professor (a quem chamariamos de filósofo-educador) privilegiar certas linhas de pensamento e de metodologia" (BRASIL, 2002, pp. 41-42), mas se pressupõe, apesar disso, que se comece a pensar com a "Filosofia da Filosofia" a partir de um problema colocado por Husserl:

Antes, porém, seria preciso definir o que é Filosofia e determinar seu objeto e método, o que configura, já de início, um problema filosófico. Não por acaso, um dos campos de investigação filosófica é a Filosofia da Filosofia. É nesse sentido que Edmund Husserl se pergunta: 'O que pretendo sob o título de Filosofia, como fim e campo das minhas elaborações, sei-o, naturalmente. E contudo não o sei...' (BRASIL, 2002, p. 42).

O que se pensa neste caso a partir de Husserl é, por "questões didáticas" uma filosofia unitária e viva apesar das diferentes filosofias:

Mesmo reconhecendo a multiplicidade de caminhos que cada filósofo-educador possa privilegiar, por questões didáticas, optamos por assumir determinada orientação – uma entre muitas possíveis, voltamos a frisar –, pela qual a Filosofia é compreendida em linhas gerais como uma *reflexão crítica a respeito do conhecimento e da ação, a partir da análise dos pressupostos do pensar e do agir e, portanto, como fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas*. (BRASIL, 2002, p. 44, grifos do autor).

Tendo em vista estas "questões didáticas" é elaborada, por sua vez, a primeira matriz curricular de Filosofia para o Ensino Médio durante a redemocratização em nível nacional, a partir de três "Eixos Temáticos": *Relações de poder e democracia, A construção do sujeito moral e O que é Filosofia*. Cada eixo possui 3 temas que no eixo "O que é filosofia" são: 1. *Filosofia, mito e senso comum*, 2. *Filosofia, ciência e tecnocracia* e 3. *Filosofia e estética*. E cada um dos temas possui 3 subtemas.

A discussão sobre a matriz curricular de filosofia para o ensino médio se amplia com as **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas Tecnologias** (2006), quando se diz que a Filosofia:

não pode ser um conjunto sem sentido de opiniões, um

4. Esta obrigatoriedade foi excluída, porém, pela lei 13.415/2017 a partir da qual deixou de ser disciplina para ser um dos "estudos e práticas" do Novo Ensino Médio (NEM).

sem-número de sistemas desconexos a serem guardados na cabeça do aluno que acabe por desencorajá-lo de ter ideias próprias. Os conhecimentos de Filosofia devem ser para ele vivos e adquiridos como apoio para a vida, pois do contrário dificilmente teriam sentido para um jovem nessa fase de formação. (BRASIL, 2006, p. 28)

Partindo deste pressuposto, é pensada uma "identidade da Filosofia" apesar da diversidade de perspectivas filosóficas apresentadas como sugestões de conteúdo, mais de 30 de modo exclusivamente temático constituindo a partir dos temas *uma história da filosofia*.

Em nível nacional, a discussão da matriz curricular de filosofia retorna com as **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica: diversidade e inclusão** (2013) que abordam a filosofia já como um "estudo" relacionado à Educação ambiental ao se pressupor um "pensamento crítico por meio de estudos filosóficos, científicos, socioeconômicos, políticos e históricos, na ótica da sustentabilidade socioambiental, valorizando a participação, a cooperação e a ética" (BRASIL, 2013, p. 383) e à questão étnico-racial com a inclusão de seus "sistemas filosóficos" tendo em vista não serem retratados e representados "de modo pejorativo, desrespeitoso, inferiorizante e subalternizados pela hegemonia de referenciais de pensamento e de conhecimento intrinsecamente refratários à riqueza representada pela diversidade." (DCN, 2013, p. 153). Esta discussão se encerra nacionalmente, até o momento, com a última versão da **Base Nacional Comum Curricular** (2017), a tendência da filosofia como estudo se confirma no ensino de "filosofias de vida" relacionados ao Ensino Religioso no Ensino Fundamental e, na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, no "aprofundamento e a ampliação da base conceitual e dos modos de construção da argumentação e sistematização do raciocínio, operacionalizados com base em procedimentos analíticos e interpretativos." (BNCC, 2017, p. 472). A Filosofia é entendida como um dos estudos que serve para *compreensão* de algum tema de forma *interdisciplinar* como o "tempo" que "é matéria de reflexão na Filosofia, na Física, na Matemática, na Biologia, na História, na Sociologia e em outras áreas do saber." (BNCC, 2017, p. 563).

A matriz curricular em nível nacional se mantém, porém, constante se levarmos em conta a **Matriz de Referência do ENEM** e, principalmente, as questões de cada exame dele desde sua criação até a atualidade. Quanto às questões do ENEM⁵, a matriz curricular de filosofia se estrutura conforme à história da filosofia da seguinte forma: Antiga (30), Helenística (5), a Medieval (8) e Moderna (41) e contemporâneas (61), com a filosofia contemporânea em destaque com mais questões⁶. Dentre estas, os principais filósofos abordados historicamente são: Aristóteles (12), Descartes (9) e Foucault (8), notadamente, cada um deles representando as principais épocas da filosofia, a Antiga, a Moderna e a Contemporânea. Conforme a geografia da filosofia, os principais países são: França (43), Alemanha (32), Grécia (30) com o Brasil (9) na sexta posição⁷. Ao considerarmos a questão racial, Fanon (2) é o único filósofo abordado e, quanto aos estudos feministas, Hannah Arendt (3) é a principal filósofa, com destaque para Marilena Chauí, filósofa brasileira, porém, no total de questões, apenas 10 questões são relacionadas ao gênero feminino diante de 146 relacionadas ao gênero masculino⁸. No que diz respeito às questões étnicas e de diversidade sexual, nenhum filósofo até então.

Em nível estadual, no Ceará, a matriz curricular de Filosofia é pensada, num primeiro momento, na proposta curricular **Escola Aprendente** (2009). Nela, se destaca, a partir do DCNEM, "a competência de construção de um discurso filosófico" e a necessidade de que "o jovem do Ensino Médio construa um quadro de referências conceituais, que possa ajudá-lo a ler e interpretar o seu mundo." (CEARÁ, 2009b, p. 53). Para esta construção, destaca-se ainda a importância da história da Filosofia e o ensino de Filosofia é proposto em todas as séries do Ensino Médio através de "conteúdos" e detalhamento deles numa matriz curricular que contém: no 1º ano, uma abordagem histórica da origem da filosofia na Grécia, seu desenvolvimento até o período Helenístico e Medieval da Filosofia; no 2º ano, uma abordagem temática do conhecimento filosófico-científico na modernidade e contemporaneidade a partir de alguns filósofos de referência; no 3º ano, uma abordagem temática da Moral, Ética, Política e do Poder na Contemporaneidade a partir de alguns filósofos e temas.

5. Os dados utilizados aqui são da plataforma educacional JPhilosophia, de minha autoria, conforme as provas disponibilizadas pelo INEP. Serão mencionados apenas os dados mais relevantes com o número de questões entre parênteses.

6. Os dados referentes à época são referentes ao período histórico em que viveu o(a) filósofo(a) abordado na questão ou à época retratada na questão.

7. Os dados referentes aos países são referentes ao país do(a) filósofo(a) abordado(a) na questão e não ao país que se refere a questão, por exemplo, a Grécia ao se falar sobre a antiguidade, nem ao autor dos textos.

8. As questões relacionadas à raça e gênero se referem aos(as) filósofos(as) abordados na questão e não propriamente ao gênero do(a) autor(a) do texto abordado na questão.

Uma definição mais detalhada de uma matriz curricular cearense de Filosofia pode ser vista, porém, no **Documento Curricular Referencial do Ceará - Ensino Médio** (2021), que retoma a perspectiva abrangente da Filosofia desenvolvida no *Escola Aprendente* e que reafirma a Filosofia como uma disciplina obrigatória, e não apenas um estudo e prática. Destaca-se no DCRC, a "diversidade e a multiplicidade no ensino de Filosofia" na medida em que, segundo ele, "a Filosofia é um saber basilar para compreender a multiplicidade da vida" e o objetivo principal dela é "desenvolver a capacidade de pensar problemas filosóficos e criar conceitos", "proporcionar a formação integral dos discentes" e uma "experiência conceitual", sem contudo, deixar de lado a matriz filosófica da história da Filosofia. A matriz curricular proposta pelo DCRC retoma e amplia consideravelmente as matrizes curriculares anteriores incluindo pensamentos filosóficos atuais sobre etnia, raça, gênero, sexualidade e decolonialidade. Diante de uma extensa lista de perspectivas de ensino de filosofia nas mais diversas áreas e multiplicidade de temas, surge novamente a questão colocada no início com Husserl e problematizada a partir das matrizes expostas, questão colocada e respondida na DCRC (2021, p. 241) do seguinte modo: "Mas há um ensino de Filosofia adequado segundo a DCRD? (...) o docente deve ver sua prática como uma relação entre o sujeito e o saber que o incita a desenvolver a capacidade de pensar problemas filosóficos e criar conceitos."

Assim como em nível nacional, esta questão permanece sem resposta e uma ampliação de discussão pode ser feita de modo constante a partir do **Manual do Candidato** e, principalmente, nas questões do vestibular da UECE. Quanto às questões⁹, segundo uma matriz histórica, o destaque é a quantidade maior de questões de filosofia moderna (113) em relação à filosofia contemporânea (55) no que diz respeito à presença de um(a) filósofo(a) específico na questão e para questões sobre temas contemporâneos sem que um(a) filósofo(a) seja destacado¹⁰, bem como os principais filósofos abordados que são: Aristóteles (26), Platão (16) e Marx (14) e Agostinho (14). Além disso, há questões *A-históricas*, de Lógica (10), e *Transistóricas* (12) com a presença de filósofos de diferentes épocas sendo pensados numa questão. No que diz respeito à matriz geográfica, o destaque é a Alemanha (63) como principal país, seguida da Grécia (54) e Brasil (23) e, no caso, deste último, com uma questão do filósofo cearense Manfredo Araújo de

Oliveira (1) e John Aquino (1), além de questões que abordam obras de autoria de filósofos cearenses como Marly Soares e Emiliano Aquino. Quanto ao gênero, prevalece a maior de questões relacionadas ao gênero masculino (239) em relação ao feminino (7), mas no caso do feminino se diversificam as filósofas abordadas, na qual a principal é Lélia González (2), e dentre as quais se destaca também a filósofa cearense Marly Soares (1). Quanto à raça, por uma questão de autoidentificação, além da filósofa Lélia González (2), há a presença de Angela Davis (1) e quanto à etnia, questões abordando o pensamento do filósofo indígena Ailton Krenak (3), além de questões sobre raça e etnia nas quais não há presença de um(a) filósofo(a) específico(a).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessas diferentes matrizes, podemos dizer que não importa o *que* queremos ensinar em filosofia, nunca queremos ensinar *uma só filosofia*, a que é *aqui e agora* e *deve ser sempre*, e nunca fazemos isso de fato. Há sempre mais de uma filosofia ensinada e menos de uma filosofia ensinada na totalidade. São sempre filosofias diferentes e é o ensino das diferenças filosóficas a diferença da filosofia em relação às ciências cujas teorias se limitam ao *tempo* em sua *finitude* como *paradigmas* e depois de um tempo, breve ou longo, não servem mais, são úteis apenas de modo *reduzido* em sua *intencionalidade*.

Diferente das ciências, a utilidade da filosofia não se limita ao tempo histórico no qual os filósofos vivem e ensinam suas filosofias. Se a filosofia é dita *inútil* não é por falta de utilidade, mas porque o que é pensado como útil é o que é limitado ao *aqui e agora*, uma filosofia reduzida a um determinado tempo. Porém, como o tempo demonstra, a filosofia nunca foi, nunca é e nunca será inútil, haja vista seu *eterno retorno diferente na aparente identidade de que é a mesma*. Se há uma *intencionalidade* da filosofia como pressupunha Husserl, esta não está limitada ao tempo de um sujeito em seu *cogito*, ela *se impõe ao tempo que se roi de inveja querendo aprender em vigília como a filosofia morre de amor ao saber para tentar reviver, e revive, em eterno retorno diferente sempre*.

9. Os dados apresentados aqui são também retirados do site JPhilosophia, com os mesmos critérios de avaliação.

10. Estas questões contemporâneas são destacadas como "Contemporâneas" nos dados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Provas e gabaritos**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN+): Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2002. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio: Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília : Ministério da Educação, 2006. (Volume 3)**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica: diversidade e inclusão**. Brasília: Ministério da Educação, 2013. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/media/etnico_racial/pdf/diretrizes_curriculares_nacionais_para_educacao_basica_diversidade_e_inclusao_2013.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Base Nacional Curricular Comum**. 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Coleção Escola Aprendente: metodologias de apoio – matrizes curriculares para ensino médio**. Fortaleza: SEDUC, 2008. (Volume 4). Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2019/07/livro_escola_aprendente_ciencias_humanas_e_suas_tecnologias.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Coleção Escola Aprendente: metodologias de apoio – matrizes curriculares para ensino médio**. Fortaleza: SEDUC, 2009. (Volume 1). Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2019/07/livro_matrizes_curriculares.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

CEARÁ. Secretaria da Educação do Estado do Ceará. **Documento Curricular Referencial do Ceará: ensino médio**. Fortaleza: SEDUC, 2021. Disponível em: https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2022/01/dcrc_completo_v14_09_2021.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1993.

FERREIRA, J. P. G. Filosofia no Enem. *In: JPhilosophia*. Disponível em: <https://www.jphilosophia.com/enem>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FERREIRA, J. P. G. Filosofia na UECE. *In: JPhilosophia*. Disponível em: <https://www.jphilosophia.com/uece>. Acesso em: 10 jan. 2025.

HEGEL, G. W. F. **Introdução à história da filosofia**. Tradução de Artur Mourão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HEGEL, G. W. F. **Filosofia da história**. Tradução de Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

HUSSERL, E. **Meditações cartesianas e Conferências de Paris**. Tradução de Pedro M. S. Alvez. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

MARINHO, C. **Filosofia e educação no Brasil**: da identidade à diferença. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARINHO, C.; SOUSA, A. **História do ensino de filosofia no Ceará**. São Paulo: Intermeios, 2024.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Vestibulares**. [Fortaleza: UECE]. Disponível em: <https://www.cev.uece.br/home/home/concursos-servicos/encerrados/vestibulares/vestibular-uece/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

VERNANT, J-P. **Mito e Pensamento entre os Gregos**: estudos de psicologia histórica. Tradução de Haiganuch Sarian. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.